

Cidades de Papel: Diamantina e Juiz de Fora nos jornais. 1880-1914

James William Goodwin Junior¹ - FAFIDIA/UEMG/PPG-USP

1 - O modelo urbano da *cidade do progresso*

Cidade, objeto múltiplo, transformado pelas mãos humanas ao longo dos séculos. Artefato labiríntico, feito de edificações e de espaços vazios, da vida dos seus habitantes e dos sonhos que eles têm. Sempre uma construção humana, nela se representa a sociedade que a construiu e que (nel)a viveu.

Neste artigo pretendo discutir como cidades são re(a)presentadas através da imprensa, na virada do século XIX para o XX, momento em que o discurso urbanístico assumiu importância capital nos processos políticos e sociais do Brasil. Para isto, escolhi comparar duas cidades mineiras que, pelas semelhanças e diferenças, ajudam a vislumbrar as características e os problemas relativos à urbanização brasileira no período.

A escolha dos jornais como fonte privilegiada deve-se não apenas à quantidade de informações neles encontradas sobre a transformação das cidades brasileiras, mas principalmente pelo papel que a imprensa pretendeu desempenhar. “Missionária da civilização”, ela mesma elemento constituinte da *modernidade*, a imprensa chamou a si a tarefa de avaliar, corrigir e conduzir a transformação das cidades em um ambiente considerado *civilizado*. Embora voltada para um público leitor muito reduzido, a imprensa adquiriu em certos ambientes urbanos do período um prestígio e um impacto tais que lhe permitiram ir além do limite estreito da alfabetização.

Na Europa Ocidental, o século XIX foi marcado pela intensificação das reformas urbanísticas iniciadas desde o século anterior. Foram várias experiências de remodelação e reorganização de espaços urbanos, como em Viena e Londres. Mas foi a grandiosa e bem orquestrada transformação de Paris, sob o prefeito-engenheiro Eugène Haussmann, que sintetizou as aspirações e sonhos da nova cidade burguesa, tornando-se a referência ideal para as aspirações urbanas por todo o mundo capitalista.

Um aspecto importante da remodelação haussamanniana é o conceito de “cidade orgânica”, planejada para funcionar como uma totalidade, concebida como uma entidade intrinsecamente articulada, em que cada espaço deveria representar um papel junto ao todo.² O (re)arranjo desse espaço urbano foi guiado por algumas idéias centrais: o embelezamento, o sanitarismo e a civilidade, nova postura dos habitantes à altura do novo espaço criado. O que implicava tanto na abertura de espaços públicos quanto na repressão aos comportamentos desviantes.

Este foi o modelo transferido pelas elites brasileiras da segunda metade do século XIX e início do XX. A realidade brasileira, porém, não comportava sua implementação plena. A ausência de uma revolução industrial, de uma modificação na estrutura da propriedade fundiária, a perenidade da exclusão social, tudo isso impediu que a cidade fosse, no Brasil, o centro irradiador da vivência burguesa capitalista.³

Mas não impediu sua transformação num símbolo da inserção brasileira no mundo capitalista. Fazendo-se necessária uma representação do progresso, as cidades prestavam-se ao papel de *vitrines*, pois ali se concentravam os *sinais visíveis da civilização*: a remodelação do espaço, os melhoramentos sanitários, os equipamentos e aparelhos tecnológicos, a cultura da civilidade. A remodelação que o prefeito-engenheiro Pereira Passos fez no centro velho do Rio de Janeiro tornou-se referência para o país, como também suscitou polêmicas desde sua época.⁴ Em Minas Gerais, outro engenheiro da Escola Politécnica do Rio de Janeiro antecipou Pereira Passos: Aarão Reis pôde, sobre a terra esvaziada do Arraial de Belo Horizonte, traçar a *Cidade de Minas* como realização plena dos princípios urbanísticos europeus oitocentistas, ao menos nos projetos apresentados.⁵

Mas a nova capital não foi a única tentativa de implementar os princípios urbanísticos da Europa Ocidental em Minas Gerais. Duas cidades, cada uma pólo de uma diferente região, exemplificam aqui algumas características desse processo de adaptação das aspirações às possibilidades concretas de cada localidade, mescladas à exclusão social, ao mandonismo político, à concentração econômica.

Diamantina e Juiz de Fora, cidades que viviam momentos diferentes. Em ambas, porém, uma imprensa preocupada com a construção da cidade como moderna, bela e ordeira, saudável e progressista. Nessas *cidades de papel* apontarei como os principais jornais locais avaliavam o espaço urbano a partir da relação entre o passado e o futuro, entre o atraso e o progresso.⁶

3 - Juiz de Fora

A elevação da vila de Santo Antônio do Paraibuna ocorreu em 1850; Juiz de Fora não formou-se dentro da cultura barroca que marcou a região central de Minas Gerais. Vínculos existiam, pois a ocupação e a transferência de cabedais se deu a partir das famílias daquela região que migraram para a nova fronteira em expansão no sudeste da província, desde o final do século XVIII.⁷ Mas a base de sua economia, a cafeicultura, promoveu uma relação muito mais forte com o seu porto de exportação, a Corte, principal centro urbano do país. Como todas as elites no Império, também as de Juiz de Fora miraram-se no exemplo carioca, reflexo brasileiro das idéias urbanas européias. Desde sua organização como municipalidade, os esforços foram no sentido de construir a identidade de Juiz de Fora como cidade moderna e civilizada. Uma identidade que, transformada, prolongou-se república adentro.⁸

Nesta representação de Juiz de Fora há uma relação construída entre o passado e o desejado futuro da cidade. No início do século XX, visto pelo jornal *Pharol* como a passagem do “*século das luzes*” para o “*século das surpresas*” (04/01/1901), o *Jornal do Commercio* abriu a primeira página de sua edição especial comemorando o desenvolvimento de Juiz de Fora:

O Seculo XX // Commemorando a aurora do seculo XX o “Jornal do Commercio” presta, com o numero de hoje, um tributo devido aos que têm sido os obreiros do progresso desta nobre e generosa terra. // Em rapida synthese, o “Jornal” de hoje consagra o resultado proveitoso que a actividade humana colheu, na metade do seculo, neste valle fecundo do Parahybuna. // A todos os aspectos, esse resultado foi notavelmente feliz: na ordem moral, elle está affirmado nesse vasto movimento associativo que gira, quasi todo, em torno das mais altruisticas idéas; na ordem intellectual, na prosperidade da instrução publica, na elevação do ensino, e, principalmente, na pujança da imprensa e das letras; na ordem material, pelo incomparavel movimento das industrias, pelo progresso dellas, fazendo de Juiz de Fóra um vasto emporio industrial, um campo illimitado á acção civilizadora do commercio; e na ordem politica, pela sua vigorosa iniciativa em tudo quanto haja interessado á victoria dos principios democraticos. // O seculo XX encontra esta zona de Minas transformada em centro de luminosa civilização; e, entretanto, ha apenas meio seculo que o trabalho humano abre nestas terras o sulco

indelevel de sua acção. // Tem sido forte a geração que aqui vai imperando, e que, por isso, merecerá a consideração dos posterios. // Que os homens do seculo XX sejam herdeiros desse poder de iniciativa, dessa emulação vigorosa, dessa energia de vontade e dessas qualidades progressistas, eis os votos que fazemos ao assignalar o alvorecer do novo seculo. (*Jornal do Commercio*, 01/01/1901)⁹

O passado da cidade é curto e recente, apenas meio século. Sua herança, porém, é enorme: trabalho e progresso avassaladores. O futuro, a continuação da transformação da cidade e da região, através do trabalho humano, na construção de uma sociedade letrada e industrial, “*centro de luminosa civilização*” a clarear o futuro.

Mas quando a iluminação falta... A eletricidade parecia ter o dom de reformular o espaço da cidade, sendo os postes vistos como mais do que meros suportes para os fios e lâmpadas:

Luz // Moradores do Largo do Riachuelo pedem-nos levemos ao sr. dr. agente executivo uma solicitação, que nos parece de toda a justiça seja attendida por aquelle digno chefe do municipio. // Allegam os mesmos que o largo está ás escuras ou mui fracamente illuminado somente pelas lampadas espaçadas da rua Direita, naquelle ponto, e assim pedem que sejam collocados, para illuminar o largo propriamente, tres postes, ao menos. // Achamos justo o pedido porque á noite, especialmente na presente estação chuvosa, o largo sem iluminação se torna um logar desolado, augmentando ainda mais a sua tristeza o coaxar incessante de sapos, em numero incalculavel, que encontram no terreno alagadiço daquella parte da nossa cidade excellente morada para darem seus *concertos vocaes*, o que, longe de deleitar os moradores do Riachuelo, póde leval-os ao desespero. // Contando com a boa vontade por parte do sr. dr. agente executivo em favor das familias do Largo do Riachuelo, aqui deixamos a reclamação. (*Pharol*, 28/11/1900)

Sem luz, a noite transforma a cidade num lugar desolado. A chuva completa o cenário, e o “*centro de luminosa civilização*” torna-se um espaço soturno e tenebroso, brejo ritmado por incalculáveis sapos coaxantes... Os melhoramentos urbanos, aqui representados pela energia elétrica, são a tênue barreira que mantém o passado rural, terrivelmente próximo, distante da *urbe* – impedindo o desespero de seus moradores.

A imagem do pântano, da lama, está presente ainda anos depois, num artigo que afirma os melhoramentos realizados na cidade, inclusive no mencionado Largo:

O remedio radical para a lama de algumas ruas é o calçamento, obra para que tem voltado suas vistas o presidente da Camara, mas que não póde ser atacada senão parcialmente, e aos poucos, como se tem feito; e, para considerar quanto a esse respeito se tem melhorado, basta lembrar os grandes atoleiros da rua da Gratidão, do largo do Riachuelo e rua 15 de Novembro, hoje inteiramente extinctos, graças ao calçamento dessas duas importantes ruas. (*Diario Mercantil*, 11/02/1912)

Os textos aqui apresentados são apenas exemplos de uma tendência mais geral da imprensa local, tanto dos jornais de oposição quanto dos ligados ao governo da cidade. Propõe-se o distanciamento do passado da cidade: este é visto apenas como a base sobre

a qual se constrói o futuro. A natureza deve ser domesticada, a cidade deve ser melhorada, para que a luz da civilização possa alumiar o futuro de Juiz de Fora.

4 – Diamantina

No antigo Arraial do Tejuco, a situação era diferente: apesar do núcleo urbano ser mais antigo, seu desenvolvimento era menor que em Juiz de Fora. O período em questão foi de crise e redirecionamento sócio-econômico, conseqüência da queda do preço do diamante e do algodão.¹⁰ As expectativas polarizaram-se em torno da ligação ferroviária ao centro-sul de Minas Gerais. Havia um consenso geral de que a cidade merecia e precisava de vários melhoramentos urbanos e do desenvolvimento econômico e social. A iluminação elétrica, por exemplo, só foi implantada em 1910.¹¹ Mas não havia um acordo quando se tratava de considerar aquilo que já existia, ou o passado local.

Para Juiz de Fora a virada do século foi um momento de avaliação e resgate histórico; em Diamantina a proximidade da locomotiva teve efeito semelhante. Num texto anunciando a esperada inauguração da ferrovia, detalha-se a região: dados geográficos, latitude e longitude, altitude e variações climáticas e pluviométricas. O espaço urbano é descrito e avaliado:

A cidade possui mais ou menos 2000 casas com cerca de 12000 habitantes; possui 10 praças, 36 ruas e diversas travessas além dos arrabaldes. Todos os edificios, com poucas exceções, são de estylo colonial, sendo em geral as construcções pesadas e sem gosto, mesmo os templos, á excepção do do Coração de Jesus que é de alvenaria e de estylo gothico. // Nunca houve um gosto decisivo para o embelezamento da cidade, e, si há uma lei regulamentando as construcções nunca foi ella posta em execução, de sorte que as nossas construcções de hoje são iguaes ás de 150 annos atrás.

A nossa rêde de exgottos é a mesma do tempo do Tejuco, feita de alvenaria de pedra secca, descarregando muitas galerias nas ruas, sem que tenham soffrido o menor melhoramento. A nossa distribuição d'água é pessima, antihygenica e rudimentar, resultando de um canal de levada d'água para exploração de jazidas auríferas do Tejuco e posteriormente destribuida a agua entre os habitantes por meio de canalizações de madeira, onde, com as chuvas, se infiltra toda a sorte de detricos nocivos, donde o desenvolvimento de febres typhoides com caracter epidemico. // Há tambem diversas nascentes de excellente agua potavel dentro do perimetro da cidade, que são utilizadas pela população. (*A Estrella Polar*, 03/05/1914)

O autor parecia claramente empenhado em demonstrar o atraso da região, talvez para melhor realçar o potencial futuro a ser aberto pela ferrovia. Suas críticas balizavam-se em fundamentos do urbanismo *moderno* do período: embelezamento, sanitarismo, regulamentação. O passado é visto como um obstáculo ao desenvolvimento do futuro, tensão que se resolveria, para esse autor, da mesma forma que em Juiz de Fora: para a

frente. Uma visão, entretanto, que não era consensual. Na coluna “*Folhetim da Diamantina*”, no jornal de mesmo nome, Salles Mourão apresentou outra interpretação. Em suas “*Memorias Indeleveis*” descreveu assim a cidade, logo no primeiro capítulo:

A Cidade // Diamantina, a cidade lendaria e graciosa que um sentimentalismo poético eleva sustentando o sceptro e a corôa rutilante de princeza do Norte, conquistados justamente pelo seu passado nobre e tradicional, pela riqueza do seu subsolo, e pela opulencia e magestada de perspectiva da sua natureza, assenta-se, indolentemente, em torno de uma collina, que recebeu o nome de St.º Antonio, a qual vai suavemente se extendendo até ás margens do rio grande, na base da sérra de S. Francisco. // As casas branquejam, n'um agrupamento aconchegado, aqui e alli, encantando a vista surpreendentemente. // Cidade antiga, ella desenha aos olhos do forasteiro uma paysagem amena e original. Levanta aos ares, com garbo e mysticismo, as torres das Igrejas, em cujas cryptas dominando o ambiente vasto das serras, a cruz symbollica da Redempção se ostenta, solemne e triumphante, no seu magnetismo miraculoso de resignação e caridade! [...] (*Diamantina*, 29/11/1913)

Antiga, lendária e graciosa, mas de infra-estrutura arcaica e rudimentar; um espaço físico que dificilmente adequava-se aos novos princípios urbanísticos, quer pela sua topografia acidentada, quer pela permanência do traçado colonial antigo. A relação do futuro com o passado era muito mais dramática para a imprensa em Diamantina do que em Juiz de Fora. Esta tensão fica patente num texto publicado alguns anos antes, também a propósito da chegada da ferrovia, prenunciando o inexorável progresso, inclusive a remodelação do espaço urbano. O autor é irônico, nostálgico e temeroso das conseqüências sobre os hábitos e costumes regionais.

VÃO-SE AS TRADIÇÕES... // Dentro em pouco o grito estridente da locomotiva anunciará uma nova existencia à Diamantina. // Novos costumes, novas vestimentas, nova gente. // Todo o dia, ao arfar das caldeiras, o trem despejará uma onda de povo extranha nas estreitas ruas da velha e tradicional cidade, e do interior, procurando o caminho da costa, olhos admirados, corações satisfeitos e medrosos, os velhos e as crianças virão ver, pela primeira vez, o progresso invadindo o sertão solitário.

Transformar-se-á o aspecto da cidade, mudará o seu vocabulario: e cada dia, com pedreiros e carpinteiros importados, ira perdendo o que lhe resta ainda do pittoresco, o ar dos bons tempos primitivos. // Os proprios filhos da terra, ao voltarem a patria, depois da entrada triumphal e ruidosa da locomotiva, custarão a reconhecê-la.

O *Barracão*, velho mercado da cidade, será modificado. // Não veremos mais os tropeiros deitados ao meio das cangalhas, junto ao fogo em que ferve o feijão na panella de ferro suspensa à tripeça. // Não veremos mais, ás estacas, com os hombros em grandes chagas, sacudindo as moscas com as caudas, os cansados animaes, que transportam através de leguas, atravessando os rios e as areias ardentes, os alimentos necessarios aos habitantes. // Ah!, em breve, se erguerá um bello edificio, elegante e limpo, em que de tudo se encontre.

Por toda a cidade, e mais ainda nas proximidades da estação da ferro via, como por encanto, se verá surgir uma nova população. // Casas se edificarão por toda parte. // O proprio commercio, modificando antigos habitos, aos ruidos constantes das manobras e ao sabor das noticias trazidas através de leguas e leguas, de todos os logares, perderá o seu feitio local. // Nada ficará sem soffrer a influencia estranha desse progresso que chega.

Poder um homem, de cima de um cocuruto de serra, a mil e quinhentos metros acima do littoral, num dia, ir comer camarões e ostras á praia do oceano, é a alegria maior que se póde prometter aos sertanejos. // Pois terão isso.

Em compensação, entretanto, aos poucos, irão perdendo o pittoresco quadro de um carro de bois, vagarosamente rinchando, pelas ruas da cidade; e talvez os filhos dos que por ahi andam não possam ver um desfilar lento de tropa, ao monotono ruido dos sincerros das *madrinhas*. // Terão, se quizerem ver isso, de ir além por serras e valles, a mais longinquos logares.

O progresso tem isso. Pelo bem que nos traz nos priva de muita coisa boa. // É verdade que o benefício é sempre maior do que aquilo que perdemos. Mas... que querem? Nós nunca nos esquecemos do que vendo uma vez, gostamos. // Por isso é que, difficilmente, os olhos gostam de novidades.

Tenham paciencia, porem, por esta vez. // Terão estradas de ferro, e, querendo, pode um velho garimpeiro barbado mudar de alimentação, passando do feijão com torresmos e angú aos camarões, ostras e badejos, com uma [sic] só dia de viagem!

Não creio que goste. Si não achar bom, verá o mar, grande e tranquillo, a sacudir ruidosamente, onda sobre onda, a babugem branca das espumas alvas para a praia. // E isso, estou certo, lhe compensará a viagem.

A verdade, porém, é que a Diamantina actual será absorvida pela Diamantina futura. // Ahi vai a nova cidade em trem de ferro!

Tu, porém, cidade antiga, tu viverás veneranda na memoria dos moços e na saudade dos velhos. // Falarão de ti através dos tempos, e ficarás gloriosamente lembrada nos escriptos daquelle que te tornou immortal – Joaquim Felicio dos Santos. // E crescerás, perdendo em costumes locais, na tradição que te fez respeitada pelas tuas legendas. // No dia em que a nova cidade chegar, tu podes desaparecer tranquilla, porque morres com glória. // Aldo Delfino. (*A Idéa Nova*, 01/08/1909)

O trem de ferro ainda não despejava seus vapores sobre Diamantina, mas esta já vislumbrava suas manobras. Aqui estão presentes as idéias mais generalizadas sobre a modernidade *fin-de-siècle*: o desenvolvimento tecnológico, o avanço do comércio, a abertura ao cosmopolitismo – tudo significando a ruptura com o passado, o qual será inevitavelmente tragado pela cidade futura. Aldo Delfino sugeria completa afinação com a ideologia do progresso. Mas embora reconheça a irreversibilidade da História, entendida como a expansão da civilização moderna, este autor não deixa de ressentir-se de seus efeitos. Para ele, o progresso traz muitas coisas boas, mas toma outras tantas também; especialmente, parece-me, ele sofre a perda daquelas coisas que dão identidade à sua região.

O aspecto da cidade muda, obra de mãos estrangeiras/estranhas; muda também seu vocabulário, e mesmo – clara compreensão dos mecanismos da expansão capitalista – os hábitos de consumo. O progresso a tudo abarca, e nem mesmo a gastronomia local sobreviveria, como ironicamente sugeriu nosso articulista. As madrinhas dos tropeiros, os barulhentos carros de boi, ruídos que a locomotiva relegará aos cantos distantes e atrasados; eis aí sua intuição de que o progresso não é linear, mas convive com o passado, empurrando-o para os lugares às margens da História, numa imagem quase euclidiana.¹²

O autor confessa seu saudosismo, ao mesmo tempo em que se volta para o que virá. Seus olhos são os de um homem do passado, que tristemente enxergava o futuro inevitável. Aldo Delfino ecoava a angústia daqueles que enxergavam o anjo da História a acumular detritos sob seus pés.¹³ Para ele, ao passado sobraria um só lugar: a “memória dos moços”

e a “saúde dos velhos”. Mesmo que de forma um pouco mais carinhosa, também Aldo Delfino via o passado condenado à tirania do futuro.



Parece-me haver parâmetros e expectativas em relação à cidade, comuns aos *homens de imprensa* das duas cidades. Mas há também diferenças, exemplificadas na relação entre o passado e o futuro. Para a imprensa juizforana, o passado deve ser deixado para trás em direção ao iluminado futuro da indústria e do progresso. Em Diamantina, a tensão é maior: a permanência do traçado colonial urbano dificulta os melhoramentos diamantinoses – mas representa também uma tradição que identifica a cidade.

O futuro e o passado travam uma guerra, para determinar a face urbana e o feitiço do mundo – marca da chamada modernidade de então. Hoje, nós historiadores somos desafiados pelas tensões, por exemplo, entre a preservação do patrimônio histórico-cultural e o desenvolvimento urbano. Estudar aquele outro fim de século pode ajudar-nos a pensar em alternativas para a construção de outra relação entre passado e futuro, representada num espaço urbano diferente e numa vivência cidadã mais ampla.

¹ Mestre em História, UFMG; Doutorando em História, USP. Professor de História na FAFIDIA /UEMG.

² Diferentemente dos princípios iluministas do século XVIII; ver sobre isso PICON, Antoine. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmannização. IN: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Cidades capitais do Século XIX*. São Paulo, EDUSP, 2001, p. 65-101.

³ Para a transferência do modelo urbanístico francês para outras cidades, ver SALGUEIRO, Heliana Angotti, op. cit., onde há exemplos europeus e destaque para Belo Horizonte.

⁴ Por exemplo, MEADE, Teresa A. “*Civilizing*” Rio. University Park, Pennsylvania State University, 1997.

⁵ Sobre a construção de Belo Horizonte, ver, entre outros, DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *Belo Horizonte: horizontes históricos*. Belo Horizonte, C/Arte, 1996.

⁶ Os jornais diamantinoses encontram-se em dois arquivos: o Acervo Soter Couto, da Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha /UEMG; e a Biblioteca Antônio Torres, IPHAN-Diamantina. Os jornais juizforanos estão no Setor de Memória, Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora, MG.

⁷ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Negócios de família: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira. 1710-1870*. Bauru, EDUSC, 2005.

⁸ GOODWIN Jr., James William. Pedra, papel e perfume francês: a construção de Juiz de Fora como cidade civilizada. 1850-1914. Mesa-Redonda: Propriedade e Poder na Zona da Mata Mineira. I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira. CES-JF. Juiz de Fora, 27-29 de junho de 2005. [CD-ROM]

⁹ Posteriormente, os artigos publicados nos primeiros números de 1901, a propósito da efeméride, foram compilados pela redação do jornal num livretinho intitulado *Juiz de Fora no Século XIX*. Setor de Memória, BMMM, Juiz de Fora, MG.

¹⁰ MARTINS, Marcos Lobato. Os negócios do diamante e os homens de fortuna na praça de Diamantina, MG: 1870-1970. Orientador: Antônio Penhalves Rocha. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, FFLCH / USP, 2004.

¹¹ Ver, entre outros, SOUZA, José Moreira de. *Cidade: Momentos e processos*. Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX. São Paulo, Marco Zero, 1993.

¹² Ver CUNHA, Euclides da. *À margem da História*. São Paulo, Martins Fontes, 1999. Para um estudo sobre os sons urbanos como sinais da tensão entre passado e futuro, ver DUARTE, Regina Horta, 1997. Os sinos, os carros de bois e a locomotiva em São João Del Rei. Notas sobre a vida cotidiana em fins do século XIX. *Varia Historia*. Belo Horizonte, Departamento de História / FAFICH / UFMG, nº 17, p. 71-79.

¹³ Cf. a imagem do Anjo da História. *Walter Benjamin — Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 222-232.